

NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

A Santa Casa da Misericórdia de Fão está a construir um infantário nos terrenos das Escolas de Santa Bárbara, ao Ramalhão. Trata-se do célebre infantário que esteve para ser erguido nos terrenos da Alameda mas que não teve o aval da Câmara, dada a situação do lugar (muito próximo da estrada nacional n.º 13).

Depois pensou-se numa propriedade de Artur Sobral, mas surgiu uma série de mal entendidos e a obra também não se fez. Finalmente a edilidade municipal cedeu (mal) uma parte do recreio das escolas e passados que foram dois anos, se a memória não nos atrai-

Sobre o Infantário

goa, o hospital avança com as obras que serão devidamente comparticipadas pelos Ministério dos Assuntos Sociais, mas sem que a Câmara se chegue com prego ou estopa como se diz. A construção está até a ser feita ao arrepio de qualquer aval camarário pelo que nada nos surpreenderá se a obra vier a ser embargada.

Em nossa opinião o local é péssimo pois vai afectar a aiosidade local e encurralar tanto o edifício das escolas como o corpo do infantário.

Já dissemos em tempos que o hospital deveria ceder um dos seus terrenos, mas a Provedoria alega que a Câmara tem obrigação de ceder o terreno. Ergo: *asinus asinus fricat*. E tudo porque o Provedor não se entende com os presidentes da Câmara e da Junta. Questões partidárias ou algo mais?

Entretanto a Junta pediu e obteve um Jardim de Infância que vai ocupar algumas salas das Escolas Amorim Campos. Tem levantado alguma polémica pois que o ensino pré-escolar é gratuito e como tal vai esvaziar parcialmente o infantário que está a funcionar nas instalações do Colégio D. Pedro V, pondo em perigo os quatro postos de trabalho.

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

Fr. Paulo de Fão

Ao que sabemos, a nossa terra não foi pródiga em varões que se distinguem pela virtude que o mesmo é dizer pela santidade.

Contam velhas crónicas que aqui se teria realizado um sínodo contra os priscilianitas, muito antes de Portugal ser Portugal, e que também teria havido um mártir, mas tudo aparece envolto na lenda.

Bispos, arcebispos, cardeais, não tivemos nenhum ao que se saiba.

De qualquer modo e já com foros de veracidade aparece-nos um barão no séc. XVII que deixou fama de santo: Fr. Paulo de Fão foi o seu nome.

Diz a Crónica da Província de Soledade, tomo 1.º, cap. XII, pág. 257, que Fr. Paulo de Fão morreu (trocou este desterro pela melhor pátria) no ano de 1686, aos 17 de Setembro não se fazendo menção da data em que nasceu.

Pelos vistos Fr. Paulo era muito virtuoso, tanto que aparece «cognominado» como Confessor, munus que exercia no Convento de Chaves. Era natural, refere a aludida Crónica, «do lugar do seu sobrenome, o qual fica contíguo às praias do mar Oceano Atlântico na Província de Entre Douro e Minho, e distante da Villa de Barcelos (1) duas léguas, povo bem conhecido pela abundância de pescaria, com que concorre a socorrer parte da mesma Província».

Presume-se que não tivesse falecido com idade avançada pois a fonte a que nos vimos referindo diz que ele «falleceu de huma enfermidade incognita com grande exemplo, e edificação de todos». Continua o referido documento: «Foi dotado de notáveis prendas não só na estimação dos Religiosos, mas dos seculares que o conhecião, pela sua agradável prudencia, virtude, e capacidade».

Termina a Crónica de Província da Soledade com uma nota que confere odor de eleição e de singularidade a este nosso conterrâneo: «Passados annos se abriu a sua sepultura, e se achou o seu corpo inteiro».

(1) Fão nesta data pertencia ao termo de Barcelos e fazia parte do antigo e extinto julgado de Faria.

POSTAIS DA NOSSA TERRA

V — CANTINA ESCOLAR «J. MARIZ»

Por comunicado da «Comissão de Freguesia da APU-ALIANÇA POVO UNIDO», distribuído durante a noite de 19/20 de Setembro findo, tomámos conhecimento que se pretende demolir o edifício da «CANTINA ESCOLAR J. MARIZ», para, no local ser construído um novo edifício, em que será instalado o Posto Médico dos Serviços de Segurança Social.

Indiferentes a qualquer cariz político, confessamos que damos inteira concordância ao que se diz naquele comunicado. Porque é que se vai demolir um edifício que, mandado construir e oferecido para um fim específico, dependente de um Ministério, faz parte do património da nossa Terra, para se construir um outro, para instalação de um outro Serviço, dependente de um outro Ministério? Não hoverá na nossa Vila terreno disponível, em que se possa construir o novo edifício? Naturalmente que há; então porque não enriquecer o nosso património com mais esse novo edifício sem destruir uma outra sua parcela?

(Continua na pág. 2)

Deliberações da Câmara Municipal em 13/9/85

Adjudicada ampliação do Cemitério de Apúlia por 2.307.932\$00, com prazo de execução de 90 dias.

Atribuído à Junta de Freguesia de Fão 360.000\$00 destinado à construção de muros de vedação no Caminho entre a EN 13 e o Cemitério Paroquial.

Por sugestão do Gabinete de Informação e deliberado por unanimidade, vão ser colocados 2 placards em cada uma das freguesias de Apúlia, Esposende e Fão, destinados à propaganda Eleitoral no sentido de se evitar a utilização das fachadas dos edifícios.

Concedido um subsídio de 230.000\$ à Associação Recreativa e Cultural de Fonte Boa, destinado às obras e alargamento do seu campo de jogos.

Vai ser aberto concurso público para arrematação da empreitada de um edifí-

cio escolar em Pinhote, freguesia de Marinhãs, tipo urbano 3 com seis salas de aula.

Vai ser aberto concurso público para arrematação da empreitada de um edifício escolar na freguesia de Mar tipo urbano 3 com 4 salas de aula.

Em princípio de Outubro o concelho vai ter 20 salas de ensino pré-primário a funcionar de acordo com a aprovação do Director Escolar de Braga.

POSTAIS DA NOSSA TERRA

(Continuado da pág. 1)

Se o edifício da Cantina, por quaisquer razões, já não serve ao fim para que foi construído e oferecido, porque não adaptá-lo (interiormente, claro está) para poder ser utilizado em qualquer outra finalidade, mas dentro do Ministério a que pertence, conforme é, e bem, apontado por aquele comunicado?

O comunicado foi distribuído, mas, parece, não estar a surtir o efeito que se pretendeu, pois ainda se não notou movimento algum das gentes da nossa Terra — que tão bairristas sempre se têm mostrado —, para impedir o que consta querer fazer. Será porque o comunicado saiu de onde saiu? Ponhamos de parte as politiquices e unámo-nos todos para impedir a concretização de um «crime» de lesa-património local. Unámo-nos enquanto é tempo! ...

Esperamos que as entidades responsáveis — Junta de Freguesia e Câmara Municipal — já tenham reflectido no «crime» que iam praticar e já tenham arrepiado caminho. É sempre de louvar reconhecer e emendar um erro cometido! ...

Estes são os votos que aqui expressa o

QUIM MUATA

David Machado Viana

Partiu para o Brasil o nosso prezado assinante David Machado Viana que entre nós se demorou cerca de dois meses. Abalou muito roído de saudades e só pensa voltar de novo. Este «cara» deu-nos a honra da sua visita e em curta conversa demo-nos conta da imensa alma de fangueiro que se alberga naquele corpo franzino.

Ausente desde muito jovem para o Brasil, ele voltou ao fim de algumas dezenas de anos (1968). Desembarcado no Porto, a sua ânsia de ver Fão não lhe consentiu a espera da «carreira». Meteu-se por isso, num táxi e quando, passada a curva de Paredes, os seus olhos contemplaram Fão, o cemitério, o hospital, não aguentou mais e chorou. Chorou por reencontrar a terra amada que ele não via há quarenta anos. Ainda nos lembra que nessa altura partilhámos juntos de uma feijoada no Marachão. Depois disso David Viana apressou as suas vindas a Fão.

Não há dúvidas que a estadia no estrangeiro amplia e consciencializa o amor pela terra mãe. Vejam-se os casos de António Torres (um abraço agradecido), de Amândio Caramalho, de Artur Sobral e de tantos outros que são esclarecedores e confirmativos.

Felizmente e segundo os próprios no-lo testemunham, o nosso jornal ajuda a «segurar» esses fangueiros e não permitir que fiquem do lado de lá.

E esse aliás um dos propósitos que sempre norteou «O Novo Fangueiro» ao longo do seu caminhar.

Para David Viana um breve regresso.

— Também partiu para o Brasil o nosso prezado asinante Quim Xiquita que entre nós estadiou cerca de um mês. O Quim revisitou velhos amigos, conviveu com a Família e sobretudo viveu Fão.

Esperamos não ter sido a última vez que o abraçamos.

Editorial

(Continuado do pág. 1)

Há quem minimize tal instituição, pois dizem que um Jardim de Infância abarca um menor número de crianças e funciona com horário rígido o que dificultará a vida às mães que trabalham em fábricas. Isso é verdade mas ninguém pode pôr em causa as vantagens do ensino pré-escolar.

Esperamos, isso sim, que haja uma vontade política para reintegrar os quatro funcionários que laboram no D. Pedro V em qualquer das instituições criadas ou a criar.

P. S. — Pensamos todavia que com o resultado das eleições algo se vai modificar no concelho.



o melhor café é o da

A BRASILEIRA
PORTO



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

O BANCO DO APOIO REGIONAL

CARTAS AO DIRECTOR

Exs. Senhores:

Com os meus melhores cumprimentos, venho por este meio enviar cheque s/ U. de Bancos Portugueses N.º 1004915912 na importância de Esc.: 3.000\$00, destinando-se esta importância à renovação de novas assinaturas.

Aproveito a oportunidade para agradecer, a laboriosa propaganda gratuita que me têm feito no vosso, (nosso) jornal mensal.

Sem outro assunto de momento subscrevo-me com estima e consideração muito

Atenciosamente,
Lavandarias Mónica

N. R. — Esta carta revela descontração retocada de um certo faire-play. Realmente nós denunciámos, meses atrás, a existência de uma Tinturaria a funcionar oficialmente como edifício para guarda de arrumos. Como sempre, não curámos de saber o nome do proprietário, mas tão só o esquema de montagem. E fizemos a respectiva notícia, mas como o «quem de direito» está em tempo de eleições... tudo bem.

Agradecemos a preciosa ajuda... mas a denúncia permanece.

Ex.mo Senhor
Director de «O Novo Fangueiro»
FÃO

«MAGNA ERIT GLORIA...»

No penúltimo número li com atenção a página 8, a última, sendo atraído por afirmações a que não se poderá ficar indiferente.

O trânsito em Fão sempre foi caótico, não sendo, por isso mesmo, novidade as afirmações da notícia, com o título em referência.

Todavia, ninguém tomou iniciativas sérias para resolver tão difícil problema. Só agora, «Magna Erit Gloria», crítica um projecto de longa data.

Já lá vão uns anos que se preparou uma regulamentação de trânsito em que, proibindo-se a paragem das carreiras Linhares no centro da Vila, se dava um grande passo para melhoria da situação.

A medida, no entanto, foi contestada exuberantemente, acompanhada de inúmeras

ameaças e violências. Mas, resultou e hoje, certamente, seria aberrante se continuassem a parar no centro da vila.

Todavia, não bastava esta medida isolada. Outras seriam necessárias para disciplinar o trânsito em Fão.

Estudado um projecto, embora o gestor municipal tenha afirmado «não haver técnicas de trânsito capazes» para regulamentar o trânsito de Fão, o certo é que se fez e, só no foi por diante por recusa da Junta de Freguesia.

Tendo surgido nova oportunidade, pois o que era caótico ainda ficou mais caótico, a actual Junta de Freguesia retomou o estudo efectuado, fez ajustamentos, pesou as necessidades locais, a segurança dos automobilistas e peões, coordenou tudo isot com o intenso tráfego da EN 13 e aplicou. Quanto a nós, muito bem.

Agora, afirmar «que essas dezenas de placas nada virão resolver dado que muito poucos as virão acatá-las, continuando, por isso, o trânsito a processar-se pelo modo caótico como vem sendo efectuado», é contrariar a deontologia de «O Novo Fangueiro»; é prestar um mau serviço à comunidade fangueira; é aconselhar os utentes a desobedecer à postura aprovada; é a afirmação de que o caótico deverá ser mais caótico; é tornar irresolúvel o que está resolvido.

Conheço terras, de menor importância que Fão, com o trânsito regulamentado, em que todos, sem excepção, se preocupam em respeitar.

Nem tudo será negativo se houver bom espírito de cooperação. Sejamos pelo nosso semelhante.

Façamos os outros cumprir.
Desculpas pelo arrazoado e pela impertinência, com um forte abraço do

Artur Costa

† FALECIMENTOS

No dia 25 do mês passado, na estrada nacional, ocorreu um desastre que custou a vida a Joaquim Domingues da Venda, mais conhecido por Quim Miguel.

Eram 11,15 horas quando aquele conterrâneo seguia montado na sua bicicleta em direcção ao sul. No momento em que passava junto ao restaurante Martins dos Frangos, surgiu-lhe pela frente a carrinha JB-26-94, conduzida por José Pires Bigote, casado, técnico têxtil, de Custóias, ãue incompreensivelmente salu da sua mão, talvez por avaria técnica, indo colher o desventurado ciclista que seguia na sua faixa de rodagem.

Socorrido, primeiro, no Hospital de Fão, Joaquim Miguel foi de seguida levado por uma ambulância dos B. V. de Fão para o Porto; no resistindo aos ferimentos, acabou por falecer no caminho pelo que o seu corpo foi de novo trazido para Fão.

Joaquim Domingues da Venda pertencia a uma família que ao longo dos tempos prestou vários serviços à terra. Ele próprio, depois da sua vinda de África, geriu o futebol de Fão em momento de grave crise.

Gozando de boa saúde, acabou por succumbir estupidamente num malfadado acidente de viação.

— No último dia 3, faleceu subitamente em Fão, quando aparentemente gozava de boa saúde Isabel Felgueira Palmeira, esposa de Inácio Martins Palmeira.

As famílias enlutadas os nossos pésames.

Início das Escavações Arqueológicas de S. Lourenço

Vão ser, finalmente, iniciadas as escavações no Castro de S. Lourenço por uma equipa dirigida pelo Dr. Carlos Brochado (assistente da Fac. de Letras da Univ. do Porto) coadjuvado pelos Drs. Albino Neiva e Artur Leite de Almeida.

Trata-se de um projecto apoiado pelo IPPC e Câmara Municipal de Esposende e que beneficia de 3 factores:

— Situação priverligiada no terreno (mar rio e planície).

— Festas típicas de S. Lourenço.

— Local e Capela sobre uma estação arqueológica típica da Idade do Ferro (Castrejo) e com ocupações que se prolongam pelo mundo romano até ao Séc. XX.

Estes trabalhos vão contar com a colaboração de alunos e interessados pela matéria do concelho de Esposende.

Viver a vida...

• Que saibas ver a beleza, escutar as harmonias, inebriar-te nas fragâncias da terra, sentir as sensações profundas, viver com todos os sentidos despertos.

• Que tenhas sede de saber, de conhecer, de experimentar e te d eixes levar pela intuição, pela emoção, pelo desconhecimento.

• Julga com o teu juízo, aproveita a tua experiência e nunca te arrependas de nada.

• Sabe mudar, mantendo-te igual a ti própria.

• Não sejas áspera, nem triste, nem amarga, nem ressentida, nem arrependida, mas procura antes ser doce, terna, tolerante, agradecida, alegre e... feliz.

• Que o acaso e a fortuna te proporcionem os meios para alcançares o que desejas e mereces e que o aproveites com empenhamento, com entusiasmo e com gratidão.

• Que não tenhas tanto, que tudo seja natural e fácil, mas que tenhas o suficiente, para poder distinguir e apreciar o que é belo e raro.

• Que o amor aconteça com intensidade e com paixão, mesmo que seja efêmero.

• Que nunca te falte a amizade, a solidariedade, o calor e a compreensão, quando tudo o resto contar menos.

A. E.

LongaVida



o que é bom da natureza

Desastre invulgar

No dia 1 de Setembro, um domingo, portanto, ocorreu um acidente pouco comum que veio azedar as relações entre as duas vilas vizinhas, pelo menos no que aos Bombeiros concerne.

Com efeito, na tarde daquele domingo, os Voluntários de Fão foram alertados para um desastre de viação que se tinha dado em Criaz, encontrando-se uma pessoa em estado muito grave. De imediato saiu uma ambulância que encontrou pelo caminho uma outra do INEM, desconhecendo ambas que o mesmo alerta fora dado para Esposende, Fão e Póvoa de Varzim.

Logo a seguir à Estação Radiogoniométrica de Apúlia, a ambulância de Esposende, insistida pela de Fão e procurando dar-lhe passagem, aproximou-se demasiado da valeta e acabou por tombar. Os bombeiros de Fão, vendo pelo espelho retrovisor o que se tinha passado, comunicaram com os seus colegas do quartel, que no espaço de 4 minutos compareceram no local prestando a assistência devida.

O sinistrado do primeiro acidente, que a ambulância de Fão foi socorrer, acabaria de sucumbir aos ferimentos. O condutor da ambulância de Esposende ficou bastante ferido e foi internado no Hospital de Barcelos.

O nosso colega «Jornal de Esposende», ao relatar o sucedido, recrimina os Bombeiros de Fão. Respondeu a sua Direcção com uma carta esclarecedora, mas o «Jornal de Esposende» truncou a notícia, baseando-se em que a Lei de Imprensa só obriga a ocupar um espaço igual ao da primeira notícia.

Triste sinal! Às vezes gastam-se anos e anos a melhorar as relações entre as duas terras e de repente vem um malfado acidente que deita tudo por água abaixo.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Então como tem passado esse colesterolzinho? Oxalá se tenha portado bem e não tenha subido escandalosamente nestes últimos tempos... com as receitas publicadas! Lagarto, lagarto!

Aqui vão mais umas tentações para esse maroto ter pretexto para dar uma subidinho...

ARROZ COM PATO

Depois de amanhado o pato, mete-se numa panela cheia de água a ferver; me-

Da minha varanda

(Continuado da pág. 8)

Tínhamos de deixar as instalações, era preciso preparar a sala para o jantar. O tempo havia passado sem darmos conta, custou a despedida! Ficou a certeza de que para o ano novo Encontro se realizaria e de novo ali estaríamos.

Parabéns aos elementos da Organização e um muito obrigada pelas horas felizes e despreocupadas que vivemos, fruto do seu esforço pela realização deste Encontro!

ZINHA

te-se juntamente uma cebola, uma cenoura, uns grãosinhos de pimenta, sal, uma boa fatia de toucinho, 100 gramas de presunto, e um chouriço, deixando ferver até o pato chagar à meia cozedura.

Entretanto, à parte alouram-se os miúdos do pato numa colher de manteiga e quando estiverem louros, junta-se um pouco de água e deixam-se cozer.

Retira-se o pato da água quando estiver meio cozido, barra-se com manteiga e colorau e aloura-se no forno.

Enquanto isto, junta-se a água de cozer o pato aos miúdos alourados, o que dará uma boa calda, em que se faz o arroz que vai acabar de secar ao forno.

Serve-se o pato rodeado com o arroz.

Que tal? O problema é arranjar o pato, que o prato é uma delícia! Vamos lá tentar?

E agora uns bolinhos para adoçar a boca... ao colesterolzinho...

JOANINHAS

6 colheres de sopa de farinha (já com fermento), bem chelas.

1 colher de sopa de manteiga.

3 colheres de sopa de açúcar.

1 ovo inteiro.

1 pedrinho de sal.

1 casca de limão, ralada.

Junta-se tudo e faz-se um buraco no meio, onde se delta o ovo e a manteiga. Amassa-se pouco e deixa-se depois descansar 4 minutos.

A seguir, fazem-se uma bolinhas que vão a cozer em forno forte, em tabuleiro polvilhado com farinha.

E depois... comem-se! Que tal, senhor colesterol? Arrisca uma subidazinha só para provar estes bolinhos? Vá lá, deixe-se tentar!...

Até a próxima, se Deus quiser e... BOM APETITE!

Tia Mariquinhas

Candidatos a Árbitros

O Conselho de Arbitragem da A. F. Braga, comunica aos interessados que estão abertas inscrições para Candidatos a Árbitros de Futebol, e que as mesmas terminam no dia 15 de Outubro de 1985.

Para qualquer informação devem os interessados dirigirem-se a este Conselho de Arbitragem, sito na Praça da República (arcada), 2.º andar, ou pelo telefone 23079.

ÓPTICA

Oliveira

ALEIXO FERREIRA, L.D.A

création

ARMAÇÕES — ÓCULOS SOL

AZAL

RUA DA MISERICORDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777

O Mundo em que vivemos

OS DEDOS LONGOS DA MORTE

Ao escrevermos as modestas linhas da crónica do «NOVO FANGUEIRO» do mês passado, estávamos longe de pensar que, no mesmo dia em que ele era posto em circulação, os acontecimentos iriam confirmar — e de que trágica maneira! — as nossas palavras.

Foram umas dezenas de emigrantes que, na viagem de regresso aos seus locais de trabalho, perderam a vida no inqualificável acidente ferroviário de Alcafache. Uns, terrivelmente carbonizados; outros, indescritivelmente esmagados e mutilados pelos destroços, jaziam, numa visão infernal, entre a «sucata» em que se tinha tornado aquilo que seria um meio de transporte para os países onde viviam, e acabou por se tornar num túmulo, até para crianças que viajavam com seus pais, a caminho de reatar uma vida que não viveriam mais.

Os dedos longos da Morte estenderam-se sobre as carruagens fatídicas, e os seus ocupantes pagaram por um preço demasiado alto a alegria de umas férias passadas no seu País.

Nele permanecerão, sob a terra fria e negra dos cemitérios sombrios. E tantos são os que ficaram pelo caminho.

Também falámos, há tempos, da missão abnegada mas arriscada dos Bombeiros, desinteressada materialmente a dos Voluntários. Os Bombeiros são homens que arriscam a vida para salvar a nossa e os nossos bens e tantas vezes perecem entre as implacáveis labaredas.

Agora, os dedos longos da Morte vieram confirmar as nossas palavras, ao

arrebatarem 14 Bombeiros Voluntários de Armamar, jovens na sua maioria, que, ao primeiro alarme, partiram para um fogo na Serra do Freixial; rápida e diligentemente, acorreram à chamada para perderem a vida num combate desigual, mais desigual ainda pela escassez dos meios materiais de ataque (e de defesa própria), que possuíam.



FÃO DE ANTIGAMENTE

É mais uma fotografia do célebre cortejo das carroças organizado pelos banhistas de Fão na década de 50, se não erramos.

Conseguimos ver o inconfundível Miro, o Zé Água Doce, o Daniel, o Zeca Barqueira, o Marcos Reis, o finado Alípio, Daniel, Albertinho, o Zé Matias, Néné Glória, o Tone Pereira (Canuda) o Adolfo Serguilha e o Toninho Peixoto. Gordinho, não era?

Nesta festo de banhistas nota-se um grande empenhamento da gente de Fão. Parece-nos ver ainda o Jorge d'Ardeira e um cunhado do Miro.

Resultados dos exames do 2.º grau do Ensino Primário realizado no edifício das escolas de Rodrigues Sampaio da vila de Esposende em 1942.

FÃO — Umberto G. Didier, dist.; Manuel de S. Gaifém, apr.; Manuel R. D. Ferreira, dist.; Manuel M. Gonçalves, apr.; José Maria F. Matias, dist.; João de O. Ferreira, dist.; Flávio da S. Ramos, dist.; Albino Pedrosa Campos,

A Vida (ou a Morte?) tem destas ironias: tornar quase proféticas as palavras que não eram mais que um despretensioso comentário a dramas do quotidiano que feriram a nossa sensibilidade pela sua carga emocional.

E agora? Quando haverá a indispensável e eficiente portecção à nossa riqueza florestal — e principalmente — à vida dos que se arriscam para a salvar?

E quando deixará de haver vias únicas nas nossas linhas férreas?

Que estas vidas perdidas não o tenham sido em vão. Que, em sua memória, se faça o que fôr necessário para que a Vida se afaste, segura e triunfante, dos dedos longos da Morte! ...

E. REAL

CRISTO

Num corredor, bem ao fundo,
Um Cristo suspenso existe.
Seu olhar, faz-me pensar ...
Não é alegre nem triste,
Mas é sereno e profundo.
Quando O contemplo, ao passar,
Fico com esta impressão:
O Seu olhar atraente,
Vai mais além das fachadas ...
E quase instintivamente,
E sem o querer, então,
Fecho os olhos, para ver
As coisas que estão guardadas
E que desejo esconder
Dentro do meu coração.

Diniz de Vilarelho

dist., Casimiro F. Matias, apr.; Armando dos S. Saraiva, dist.; António F. Gaifém, apro.; Albino P. Viana, dist.; Adriano G. Quintas, dist.; José de Sá P. Portela, dist.; Teresa de Jesus da S. Pereira, apr.; Salbina Anciães da C. Azevedo, dist.; Maria F. da M. Jesus Morgado, dist.; Maria do Carmos F. Viana, apr.

In «O Esposendense»
de 1-8-1942

UM EXEMPLO

Na semana passada a miúda Carla Maria do Monte Soares, perdeu a quantia de 5 contos que trazia consigo, depois de fazer um negócio que sua mãe, a Alice da Rita Fangueiro, lhe tinha confiado.

Aflita, correu Fão inteiro, ela e os seus familiares. Felizmente o dinheiro estava em boas mãos, ou seja na posse de Rosa Gonçalves Chaves, que o tinha encontrado na rua e que se apressou a entregá-lo.

Exemplos destes são dignos de registo. A gente de Fão, ou melhor, a gente das Pedreiras é assim. Não nos esqueçamos que a rua Serpa Pinto é a mais limpa da localidade. *And so ou.*

ALCUNHAS FANGUEIRAS

A

- ABELHÃO** — Homem forte com uma enorme barriga que fazia lembrar o abdómen destes insectos.
- ÁGUA DOCE** — Ia à pesca e raramente trazia peixe. Como resposta dizia: «Não há nadal Já venho da ponta da barra, da água doce...»
- AGUÇADOURA** — Era natural de Aguçadoura.
- ALEMÃO** — Chamavam-lhe assim porque era alto, forte, loiro fazendo lembrar um alemão.
- AMOR** — Quando era pequeno, a mãe só lhe chamava «AMOR» e daí esse nome ter passado aos filhos.
- AMOR-SEM-OLHOS** — Mulher que tinha os olhos pequeninos e sempre que falava piscava-os.
- ANASTÁCIAS** — Havia uma antepassada de nome Anastácia.
- ANHOTA** — A mãe era de Anha - Viana.
- ANGORRA** —
- AREIA** —

B

- BAIANO** — Fangueiro que viveu muito tempo na Baía e vestia sempre de branco e chapéu de palhinha na cabeça.
- BAIDO** — Abreviatura de vaidosa.
- BAJU** — Não sabia dizer «abat-jour».
- BALÃO-DE-SONDA** — Cabeça muito redonda e sem cabelo.
- BARRACA** — Viviam em barracas.
- BATATA** — Alguém na família tinha um quisto na cabeça.
- BARQUEIRAS** —
- BADALHOCO** — Andava sempre muito sujo, muito desarranjado.

- BEBE** — Chamava-se Alberto e transmitiu esse diminutivo a toda a família.
- BEXIGA** — Quando era novo cantava «Ó Zé! Ó Zé rebenta a bexiga!».
- BICHAS** —
- BICHEZAS** —
- BICO** —
- BISPAS** —
- BITATA** —
- BIBITA** —
- BOIÇAS** — Tomava conta de Bouças.
- BOLAS** — Tinha o costume de empregar a expressão «ORA BOLAS».
- BORDAS** — Agora apelido, em tempo alcuinha por viverem junto da água.
- BOTO-BOI** — A família tinha um boi cobridor.
- BOTICA** — Tinham uma farmácia.
- BRANQUINHO** — Era branco como leite.

C

- CACARUJA** —
- CACHUCHA** — Vinha sempre para a rua com a cabeça completamente cheia de caracóis, mas enrolados, como canudos, como cachuchos.
- CAGADAS** — Chamavam-lhe assim, porque eram mesmo sujas; um pau de sabão era muito governado naquela casa.
- CALAFATES** — Pessoa na família cuja profissão era calafetar os barcos.
- CALÇADA** — Calçava os anjos.
- CALHEIRAS** —
- CAMINHEIRO** — Era de Caminha.
- CAMPINHAS** —
- CANGOSTAS** — Moravam numa rua estreita-cangosta.
- CANTADOR** —
- CANTONEIRAS** — O avô era cantoneiro das estradas.
- CANUDAS** — Mulheres que trabalhavam num tear com os canudos.

- CAPOEIRAS** — Criavam pintos.
- CARAPUÇA** —
- CARETAS** — Homem divertido, de Barcelos, que fora da época do Carnaval andou com uma máscara pela cidade.
- CARNEIROS** —
- CARRIÇOS** —
- CASANOVA** — Eram pobres, foram morar para um armazém de sal, por esmola. Então fizeram uns pequenos arranjos e passaram a ser os da casa nova e daí em diante os casanova.
- CASCALHO** —
- CATITAS** —
- CAVACA** —
- CAVALU** —
- CEGO** — Havia um antepassado cego.
- CERGUILHAS** — Homem que ia ao mar e dizia sempre que não tinha frio, pois levava umas calças de cerguilha que era uma liga de linho e outro tecido.
- CESTEIRO** — Fazia cestos.
- CHANTRA** —
- CHASCAS** — Uma pessoa de família ia sempre aos pássaros. Quando lhe perguntavam se tinha apanhado muitos ele sempre respondia: «Só apanhei um chasco».

(continua)

(Trabalho colectivo dos alunos de Fão do 10.º/11.º anos da Escola Secundária de Esporão sob a orientação do dr. Joaquim Peixoto).

DEBATE

Por amabilidade do publicista Óscar Fangueiro, um homem que não tendo nascido cá mas possuindo um sobrenome que descende de um antigo emigrante de Fão à nossa terra e a tudo o que a ela respeita dedica particular atenção, publicamos um excerto de uma intervenção do Prof. Santos Júnior, no Colóquio realizado na Póvoa de Varzim, em 1982, sobre Santos Graça.

Recordamos que Santos Júnior foi um dos fundadores do Grupo Os Amigos de Fão.

«A comunicação que o sr. Afonso do Paço acaba de fazer sobre um tema cheio de interesse merecia, em vários aspectos, algumas considerações, se o tempo permitisse. Assim, limitar-me-ei a recordar com saudade as minhas pescarias da lamprela em Fão. Eu fui fangueiro muitos anos e o Antonino Borda, que era um grande pescador de Fão, organizava uma tranqueira, para lampreias. Cortava o rio com estacas em V e punha presa ali uma rede a toda a largura do rio. Na maré vaza, balçava as redes e, quando a maré estava em pleno, cobria as redes. De maneira que quando as lampreias entravam, havia um barco, ligado à tranqueira, para apanhar as lampreias que chegavam. Eu uma noite pesquei 7 ou 8 lampreias. Mas o Dr. Sampaio de Castro levou-me a palma. Parece que pescou 12. Essa pesca da lamprela era extraordinariamente frutuosa. Por isso, achei muito interessantes as considerações que fez a propósito da importância que tinha a lamprela para os pescadores da região de Viana, porque era uma base, uma fonte de economia extraordinária».

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
 AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SA PEREIRA — TELEF. 961845

Bons propósitos

Faz no próximo sábado (dia 12) 15 dias que um grupo de fangueiros (e não só) se reuniu em casa do Adelino Saraiva em alegre convívio, ou mais propriamente, em animada churrascada. O verdadeiro anfitrião era sô Lemos, um brasileiro que a convite dos donos da casa seus compadres, por aqui começou a aparecer há uns anos, foi criando amigos, estendeu raízes e agora, com chuva ou vento, com o cruzeiro em derapagem à compita com o escudo, aparece, ano sim ano não, para estar com sua gente, para «viver» Fão. Ele já tem o bichinho...

E então ele reúne os amigos e faz

uma grande festa, festa que prioritariamente tem um objectivo: agregar em grande amplexo as pessoas de Fão. É verdade. Isso lá foi dito e não houve vozes discordantes. Fão possui um agregado populacional pequeno e mesmo assim é cada um a puxar a brasa para a sua sardinha e enquanto só assim fôr... bem vai a festa. Ora nós já temos dito e continuamos a afirmá-lo: somos demasiado poucos para nos darmos ao luxo de vivermos desunidos. É preciso que as pessoas se juntem e confraternizem.

Pensamos que há uns anos atrás esse pensamento norteou Artur Sobral quan-

do fez reunir em sua casa pessoas de vários matizes. Geram-se discussões, liam-se arestas, desfazem-se mal entendidos e as pessoas acabam por dialogar e entender-se.

Procurando velhos alfarrábios lemos também que há uns anos atrás a Farmácia Higiénica (1920 e tantos) publicitou nos jornais da época uma grande feijoada. Com que propósitos? Simples gastronomia? Estamos em crer que não. É que os fangueiros desunem-se e depois o subconsciente colectivo entende que as coisas assim não estão bem.

Vamos a uma feijoada?

Já agora convidem «seu» Maurício que manda cada discurso de pasmá...

PAGARAM ASSINATURAS:

Rui António Coelho de Oliveira, Porto, 500\$; D. M.^a de Lurdes Mendes da Silva Soares, Fão, 500\$; Rui Manuel Gaifém Soares, Goios, 500\$; Querubim Maria Evangelista da Silva, Fão, 500\$; Dr. João Afonso Guimarães da Silva, Porto, 500\$; D. Aida Ferreira Dias de Araújo, Fão, 500\$; José Ribeiro Gaifém, Fão, 500\$; Prof. António Jerónimo Barros Peixoto, Fão, 500\$; António Teixeira Dias, Fão, 500\$; José António Matos Monteiro, Fão, 850\$; Armando Gomes da Silva, Fão, 500\$; Arq.^o Pádua Ramos, Porto, 1.000\$; D. Luísa Pádua Ramos, Porto, 1.000\$; Abílio Graça do Vale, Fão, 500\$; Prof. D. Zulmira Pinheiro Borda Rodrigues, Fão, 500\$; António Machado Sobrinho, Fão, 500\$; José Martins Correia, Espinho, 500\$; Domingos Morais da Silva, França, 1.000\$; Amândio Cardoso da Silva, Fão, 500\$; Moisés Sanjins, Vila do Conde, 850\$; Manuel Pedras, Fão, 500\$; Manuel Faria Solinho, Braga, 500\$; António Graça do Vale, Fão, 850\$; Evangelista Jesus da Silva, Fão, 500\$; Sérgio Manuel Alves Branco, P. de Varzim, 500\$; Casa Solinho, Fão, 500\$; Anónimo, Fão, 1.000\$; D. Catarina Assunção Costa Gonçalves, P. de Varzim, 850\$; João Paulo Oliveira Ferreira, Fão, 500\$; José Cândido Mendanha Gonçalves, Braga, 500\$; António Gomes do Vale, Fão, 500\$; Venceslau Anselmo Rodrigues, Lisboa, 500\$; Carlos Domingues da Venda Mariz, Braga, 500\$; Joaquim Amândio Gaifém Soares, Fão 500\$; Manuel da Costa Figueiredo, Fão, 500\$; D. Maria Helena M. V. Magalhães Araújo, Porto, 500\$; D. Ana Maria Gonçalves Faria, Fão, 500\$; Celestino Cubelo Morais, Fão, 500\$; António Francisco Oliveira Carreira, Fão, 500\$; António da Fonte Gaifém, Fão, 500\$; Artur Barros Lima, Porto, 500\$; Carlos Rodrigues Palma Rios, Fão, 500\$; Jorge Fernandes Sequeira, Lisboa, 500\$; Rufino Soares, Fão, 850\$; Luís Eduardo Nogueira Nunes, Porto, 500\$; José Gonçalves Barbosa Rodrigues, Almada, 500\$; Manuel Devesa Sá Pereira, Estoril, 500\$; Prof. Elias Lopes Cardoso, Fão, 500\$; Manuel Costa Cardoso, Fão, 500\$; Rev. do P. e Manuel Faria Borda, Fão, 500\$; D. Edir Morais da Venda, Fão, 500\$; Manuel Lopes, Fão, 500\$; D. M.^a de Lurdes Fernandes Pereira, Fão, 500\$; Dr. Florentino Evangelista dos Santos, Porto, 500\$+500\$; Dr. Alberto Gomes do Vale, Fão, 500\$ (1986) e Mónica Lavandarias, Fão, 3.000\$. Bem hajam.

Gralhas

No último número apareceu uma gralha que nós não queremos aqui deixar passar em claro. É que há gralhas e gralhas. Queremos com isto dizer que há palavras que aparecem deturpadas mas de tal modo que as pessoas notam logo houve erro tipográfico. Outras assemelham-se a erros ortográficos, quando realmente no passam de gralhas, mas podem induzir o leitor porque às vezes um ç foi substituído por dois s. Fol o caso da palavra maço de cigarros que no perfil de Jerónimo Peixoto vem com dois s.

E parquê que nós chamamos gralha? E que nós entendemos como tal toda a deturpação que se faz às palavras apresentadas pelo autor do texto.

Bem, dir-nos-ão: mas existe a revisão. Ora aí está o busillis. Os revisores são pessoas habituadas e experimentadas, caso contrário qualquer erro ou muitos erros passam despercebidos. Os jornais diários têm revisores profissionais e ainda assim aparece cada gralha que arrepa.

De qualquer modo MAÇO de cigarros é assim e não masso...

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NUMERO:

Dr. Armando Saraiva
Dr.^a Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Zinha
Sérgio Mendanha
Quim Muata
Artur Costa

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Clima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 60318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

★ ★ ★ ★ ★

PARQUE DO RIO
OFIR

estalagem
PARQUE
DO RIO

OFIR
PORTUGAL



UM LUGAR TRANQUILO

Tel. 961521 - 2 - 3 - 4 — Telex 32066

Preço para 2 pessoas em quarto duplo			Preço para 1 pessoa em quarto individual		
AP/PA	1/2 P.	PC	AP/PA	1/2 P.	PC
3.410\$	4.970\$	6.550\$	2.270\$	3.050\$	3.830\$

ALMOÇO OU JANTAR 940\$ SERVIÇO A CARTA • 1/2 REFEIÇÃO 710\$ SERVIÇO A CARTA

Da minha



varanda

por ZINHA

Claro que eu não ia faltar ao Encontro de antigos alunos do Colégio Infante de Sagres, depois de ter recebido convite para tal! Seria o relembra-mento de tempos passados, factos interessantes, rever tantas caras há tanto tempo por outras paragens.

Fui entusiasmada e quando junto à Igreja Matriz de Esposende me vi, é que me apercebi de como tinha sido tão grande o nosso Colégio! Saudações, beijos, abraços, admirações, de tudo constou este primeiro contacto. Fomos à Missa, éramos tantos, embora muitos faltassem (notava-se) e lé evocámos a memória de colegas e professores falecidos que, naquele momento, estariam por certo conosco também.

Acabada a Missa, longa caravana automóvel se formou em direcção ao Hotel do Pinhal, em Fão, onde se realizaria o almoço-convívio. Entretanto tudo puxava pelos seus antigos colegas de turma, de ano, de laços de amizade, para viver até ao máximo o resto do tempo, durante o almoço. Na mesa da presidência, os professores ainda vivos, felizes, contagiados por esta alegria que transpirava de todos nós. Foram recordados com carinho e saudade o Dr. Carvalho (que eu não conheci), o Dr. Arménio (de quem tinha muito medo), o Dr. Regado (a quem muito estimava), o Escultor Esteves (com quem engraçava porque apreciava os meus desenhos «na penumbra» como ele próprio dizia). Presentes, o Dr. Távarela fundador do Colégio, o Prof. Carlos Martins, sua esposa D. »Loca« e o nosso querido director, o Dr. Agostinho Reis. Realmente este homem que pelo Colégio tudo fez, que todas as disciplinas deu (excepto Lávares...) com eficiência e reconhecimento dos alunos da minha geração (e outras), não só por estes motivos, mas também porque nunca se exaltava, nunca se via zangado e a todos queria facultar o ensino e a tantos ajudou, e de tantos pais por certo teve de esperar o dinheiro para liquidação das propinas, pois as dificuldades nesse tempo eram muitas.

Mas, o almoço ia a meio... a conversa era animada entre todos. A sala do Hotel, com a sua bela vista para o rio

contribuía também para um bom e íntimo ambiente. Tantos e tantos nomes foram recordados e queremos ver no próximo encontro!

A Sameiro, o Ruben, a Emília Santamarinha, o «Pandita», o Jorge «Man-camulas» (não sei mais por onde pára), o Garófalo (lembra-se do Alberto grande que muitas vezes tocava a sineta?), e as mais velhas — a Arlete, a Urânia, a Nair, a Fátima que tinham aulas de recuperação a inglês com o Dr. Amilcar? E o Tenente Muñoz que nos levava a fazer experiências em Química de que só me lembro, como resultado, de um fumo que sempre saía? Seria do álcool decnaturado que nos mandava na hora comprar ao Sr. Rego?

O Manuel Losa teve, na devida altura, uma feliz intervenção que prendeu toda a assistência durante bastante tempo. A Piedade foi ler um lindo poema enviado pela aluna de então, Helena Amaro, que a Organização prometeu editar. Recordaram ainda factos o Dr. Juvenal (só me lembro que ele queria dar há muitos anos um abraço à Dr.^a Maria Rosa Portela e desta vez

sempre deu...), o António Losa, a Maria José Barra Reis e a Zélia que, a pedido desta última, foi cantar e muito bem «A cigana» que interpretou no célebre teatro que fizemos, ensaiados pelo prof. Borges já falecido e a Padre Cândido, doente nesta altura, mas então sempre operacional no ensino de tantas e tantas canções.

Quem não recordará o nosso teatro? Fizemos duas actuações — uma em Esposende e outra em Fão, dois êxitos! Lembrar o teatro é lembrar as Lâmelas (que lindas vozes!), a Rosário Saleiro, o Jorge Cirilo, a Zinha na «Ti Claudina», a Maria do Pilar, a Belita e tantas outras?

Depois foi a vez de o Dr. Távarela falar, agradecer, mostrar que se sentia contagiado pelo espírito jovem dos «jovens presentes».

Finalmente usou da palavra o Dr. Reis relembra-ndo êxitos, congratulando-se por ter sido professor de tantos valores ali presentes no convívio e agradecendo a realização desta festa. De pé, todos bateram palmas!

(Continua na pág. 4)



*Vestindo trajes de Vila
Três castelos no brasão
Converteu-se o nosso Fão
Em terra cosmopolita
Mas também burgo turista.*

*Com esats vestes de «Luces».
E mais alguns aparatos
Todos nós, fangueiros natos,
Passamos de aldeões
A ilustríssimos vilões.*

*O salto foi algo grande
E não há que duvidar.
Mas braços para trabalhar
Como outrora os havia
Não mais vamos encontrar ...*

*Um pingas num telhado:
Artista para as tirar?
Isto até aos céus dá brado!
Só em Gemeses ou Gandra
Poderá ser encontrado! ...*

*Meias solas nuns sapatos ...
Seis meses a esperar vez
Outros seis para consertar
E quando, os vai buscar
Estão para s'arranjar ...*

*Já se não vê como dantes
Peixe fresquinho, a saltar,
Vindo de Ofir, nosso mar! ...
Será que peixe, já faz greve
E não se deixa apanhar?*

*Um cano em casa a verter
Traz por cerot inundaçào
Se não correr velozmente
Até ao cais, e lá houver,
Piquete de prevençào.*

*E assim, hoje, encontramos Fão
Sem ninguém a recorrer
Numa urgente aflição.
De quem nos possa valer!*

Abril de 1985

S. Mendanha

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO